



SERTÃO KALUNGA

ANDRE DIB

1ª Edição

Alto Paraíso de Goiás - 2018

Produção Executiva



Apresentação



SEDUCE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO,
CULTURA E ESPORTE




Este projeto foi contemplado pelo Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2016, SEDUCE e Governo de Goiás



Ser Tão
KALUNGA

ANDRÉ DIB






“
*No mato,
tudo que eu sei que tem proveito, tiro.
Se é um remédio, se é flor.
Tudo é combinação que Deus dá.*”



Cecília Gonçalves dos Santos Dias - Cavalcante





Trabalho minucioso, feito com a paixão de quem já percorreu grandes distâncias com passo firme e discreto, viu gentes e relevos, ouviu lendas e mitos não menos apaixonantes. Tal é a razão para André Dib trazer em sua lente uma rara marca de alteridade: candeia que nos toma pelas mãos e nos conduz através de um fascinante território que parece estar suspenso no tempo e no espaço. Contudo, trata-se de um legítimo e pouco reconhecido patrimônio cultural cravado há muito no coração do Brasil, cujas longínquas matrizes em África ganham vida e substância nesse novo e já indispensável *SerTão Kalunga*.

Entre serras, rios, veredas, vãos e grotões vive a maior comunidade quilombola do país com mais de cinco mil habitantes, precisamente na região nordeste de Goiás, onde se situam os municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, numa extensão que compreende cerca de duzentos e cinquenta três mil hectares. Assim, quem já teve oportunidade de visitar a terra kalunga se deparou com belas e ricas paisagens formadas pela fauna e flora exuberantes do cerrado. Porém, o difícil acesso ao local aponta para o óbvio: quem se embrenhou por esses sinuosos caminhos certamente não queria ser encontrado.

Incógnito nas profundezas do sertão goiano durante séculos, o povo Kalunga não apenas desenvolveu ali sua cultura, mas também inventou formas de sobreviver à seca e demais fenômenos climáticos. Fora ainda no primeiro quarto do século XVIII que o quilombo se formou com a fuga de negros escravizados, oriundos principalmente da costa ocidental africana, os quais, trazidos à força, eram obrigados a trabalhar na atividade aurífera brasileira. Portanto, a gênese da resistência kalunga remonta ao contexto colonial do ciclo do ouro e consequente ocupação do planalto central, época na qual houve a exploração das chamadas Minas dos Goyazes com o intento de fortalecer a coroa portuguesa.

O forte apelo imagético de *SerTão Kalunga* pode estabelecer um permanente diálogo com os diletantes da Fotografia e servir – pelo caráter simultaneamente documental e estético da obra –, às áreas específicas das humanidades, tais como História, Literatura, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Etnologia, entre outras. Dessa forma, para quem busca compreender de maneira crítica a luta e a trajetória do negro ou dos afrodescendentes como sujeitos históricos e imprescindíveis para a formação da sociedade e identidade nacionais, terá autênticos representantes no povo kalunga que habitará as próximas páginas. Ademais, com o advento da Lei 10.639/03 que instituiu o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, o presente livro poderá assumir também finalidades didáticas ao ser pulsante matéria para estimular o imaginário dos alunos e propor importantes reflexões raciais em sala de aula.

As fotos aqui selecionadas em muito ultrapassam o limite físico ou a delimitação do enquadramento da câmera operada esteticamente pelo fotógrafo. Cada imagem captada em seu microcosmo flerta com o infinito, com o universo ancestral e mítico afro-brasileiro, no qual a figura humana compõe um amálgama em perfeita sintonia com os elementos da natureza. Cada recorte da realidade quilombola são pés e mãos que se prendem ao solo e à vida como rijos baobás, rios que lavam e batizam inaugurando manhãs, guimba e fumaça de saberes ancestrais, enfim, crianças, mulheres e homens cuja simplicidade de ser e estar no mundo constitui o verdadeiro quilate de uma comunidade étnica marcada pelo signo da resistência. Desse modo, incorporando-se em simbiose à paisagem do cerrado, o Kalunga parece, ao mesmo tempo, ser raiz, fruto e semente do ventre sagrado desse chão.

Não apenas a luz, as cores e os contornos do povo kalunga estão fixados nas imagens que vão se desvelar a seguir, mas muito da oralidade transborda nessas fotos que, para além de um registro cristalizado no tempo e no espaço, têm o poder de narrar histórias individuais e coletivas, contribuindo positivamente para ampliar e confrontar o imaginário brasileiro a respeito do sertão e seus personagens outrora recriados pela literatura através da letra de Bernardo Guimarães, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa e tantos outros. No entanto, se o intuito do presente livro é de preservação e difusão da cultura kalunga, muito distante da ficção, ele também aciona um alerta em relação à expansão de mineradoras e do agronegócio que, com olhos de cobiça, já rodeiam o território.

Em suma, *SerTão Kalunga* é um convite a uma viagem transformadora que ao revelar o outro acaba por conhecer a própria identidade: candeia que ilumina um passado obscuro e silenciado, mas que, agora, ajuda-nos a (re)construir nossa própria imagem através dos séculos. Resultado da paixão de tentar apreender a vida em seus mais simples gestos, este admirável livro de rústica artesanaria fatalmente também cumprirá o seu papel de *griot*, pois há que se ouvir as vozes das imagens.



Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pelo Autor

D555s Dib, André
SerTão Kalunga - 1. ed
112 p. Brasília, DF, Cononário, 2018

ISBN: 978-85-924546-0-9

1. Fotografia Brasil 2. Kalunga. 3. Chapada dos
Veadeiros I. Título.

CDU: 779.81



FICHA TÉCNICA

Fotografia: ANDRE DIB

Direção de arte: SÉRGIO MAKARI

Texto de apresentação: ADILSON FERNANDO FRANZIN

Textos e legendas: GEOVANA JARDIM

Revisão de textos: DADO MENDES

Coordenação de produção gráfica: GUTO ROCHA MAIA

Produção executiva: GEOVANA JARDIM

Coordenação geral: ANDRE DIB

Ref. Bibliográfica: Kalunga, Povo da Terra - MARI N. BAIOCCHI

Foto da Capa: Quintina Fernandes Moreira De Castro,
Vão de Almas - Cavalcante - GO

Agradecemos primeiramente aos Kalunga, todos, que se propuseram a fazer parte deste trabalho, nos recebendo em suas casas, local de trabalho, festejos e nos munindo de histórias e momentos inesquecíveis. À Associação Quilombo Kalunga, que nos apoiou desde o início nessa empreitada. E principalmente à João da Cunha Santos, Santa Dias dos Santos, Joaquim Mochila e Lourdes Fernandes de Souza (Bia Kalunga), que abriram suas casas e nos receberam com uma hospitalidade rara, e compartilharam conosco um pouco do seu cotidiano. Agradecemos a Weverson Paulino e Adão dos Santos Rosa, que nos guiaram pelos rincões mais isolados dessa terra encantada. E também a Adriano Kirihara, Alex Gonzaga, Roney Nicolau, Carla Marinho, Alexandre Suplicy, Gustavo Massola, Dado Mendes, Mirela Kraus, Gustavo Previdente, Adilson Franzin, Thiago Roots, Raphael Pereira de Souza, Nilson Francisco Quirino, Luis Carlos de Moura, Tania Marcia Moraes, Marise Barbosa, Ester Simon e a todos os amigos que participaram diretamente do esforço para que a obra se materializasse.



Rio Paraná e Pico Dedo do Moleque

An aerial photograph of a vast, lush green valley. In the foreground, a dense forest of green trees covers the landscape. A wide, brown river flows horizontally across the middle ground. In the background, a range of dark, rugged mountains stretches across the horizon under a cloudy sky. The overall scene is a natural, scenic view of a valley.

Vão do Moleque

Vão é a denominação dada pelos Kalunga ao vales, cercados por montanhas quase inacessíveis. Nesse território, reconhecido como Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga, existem os núcleos principais que abrigam os vãos: Vão do Moleque, Vão de Almas e Vão da Contenda. Em cada um desses núcleos existem dezenas de povoados que se espalham pelo território, entre eles os povoados Sucuri, Parida, Tinguizal, Vargem Grande, Capivara, Vazantão, Maiadinha, Diadema, Areia, Veredas, Barra, entre outros.



Rio Paranã



Maurílio Pereira Alves - Rio Paranã





Francisco Fernandes dos Santos – Capela



Jéssica dos Santos Alves – Taboca



Maria Tereza dos Santos Rosa – Taboca

Nome de uma planta (simaba ferrugínea) e do lugar em que ela nasce e cresce, perto do córrego homônimo onde a terra é considerada sagrada e nunca seca, “Terra boa de plantar alimentos para toda a vida”.

Contam que calunga é planta que, como o povo Kalunga, possui raízes profundas. Também conhecida como calungueira. “É Planta que nunca morre”

Kalunga, da língua africana kimbundo, significa “mar”. Outros significados para esta palavra também são encontrados como: “imensidão” e “morte”. Em Banto, Kalunga, ou Calunga, significa “tudo de bom”.

No cortejo dos reis e rainhas do Maracatu, sempre foi obrigatória a presença da boneca a quem chamam de “calunga” como símbolo da realeza africana e do poder dos ancestrais. Na umbanda, “calunga pequena” se refere ao cemitério e “calunga grande” é o mar, bem da humanidade. Foi pelo mar que chegaram os navegadores portugueses. Foi pelo mar que chegaram os escravos.

Kalunga é a grandeza, a imensidão, o mar, a morte, a coisa pública e incorruptível. Kalunga é Deus, para alguns povos. É ser esperto, inteligente, do verbo oku-lunga. Assim é o povo Kalunga: Sabedor ancestral de suas tradições, que teima em mantê-las vivas atravessando gerações. Exemplo de luta, força e tradição para uma humanidade cada vez mais necessitada.



“...o pessoal conta: essa planta, que chama calunga, se você quiser conhecer um pouco dos Kalunga, é só prová ela. Serve pra remédio; amarga demais”.

(Adão dos Santo Rosa)

Calunga (*simaba ferrugínea*)





Marlene dos Santos Pereira – Taboca





Miro Gonçalves Torres – Morros



Casa típica Kalunga, Rio dos Porcos - Veredas





Eulálio dos Anjos Souza – Prata



Ana Maria e Ednália – Prata



Muriele e Stefane dos Santos Alves - Taboca



Santina dos Santos Rosa e Silvio Pereira da Cruz - Prata






Izabel Pereira dos Santos (Dona Pretinha) – Prata



Silveste Fernando de Castro - Veredas



“ No tempo que eu era novo, eu tinha os cavalo de gira folia, mas as mulher ao invés de olhá pra mim, olhava era pros cavalo, ai eu larguei de girar folia. ”







Joaquina de França da Rocha - Veredas



Epifânio dos Santos Rosa - Taboca





“

*Vai e vem sodade de mim num tem
Amanhã eu vou me embora menina, vou deixar não tem com quem, ai ai.
Menina da saia curta, redondinha pelo chão.
Na barra da sua saia menina, navega meu coração, ai ai.*

”





Daniel José dos Anjos – Capela



Clarissa Moreira Pereira Lopes - Vargem da Capela



Joaquim Mochila – Vargem da Capela

An aerial photograph of a vast, green valley. The landscape is dominated by dense, dark green forest covering rolling hills and valleys. A river winds through the lower part of the valley, its dark water contrasting with the surrounding greenery. The sky above is a warm, golden-orange color, suggesting a sunset or sunrise. The overall scene is a wide, panoramic view of a natural landscape.

Vão de Almas



Rio Branco e Morro do Moleque ao fundo

Sertão, “lugar interior”, “entre terras”, “local distante do mar”, em sua derivação da África angolana. O seu vocábulo teria sido alterado para “celtão” e depois “certão” até adquirir a forma atual “sertão”. Outra versão atribui a palavra “sertão” ao étimo latino “desertanu”, utilizado para designar regiões interioranas, longe do litoral, porém não necessariamente de clima árido e que teria sido modificado para “desertão” e depois, apenas “sertão”, que provém da palavra deserto, lugar ermo, dando ideia também de lugar sem vida.

Este Sertão, porém, não é um lugar destituído de existência. Muito pelo contrário! Cachoeiras e rios caudalosos trazem fartura e enchem os vales de vida. Veredas discretas, surgem silenciosas, cercadas de buritis. Um oásis nos ermos do Brasil Central, onde a palavra sertão emerge com grande força. Flora e fauna que ofertam remédio, cura e alimento. Um magnífico ecossistema que ainda se mantém vivo e preservado pelo modo de vida Kalunga.

Ao explorar sabiamente os recursos naturais, os Kalunga se adaptaram a condições extremas. Nesse território isolado, a vida pulsa sob uma transitória inquietude. A natureza, além de bela é dura, rude, e os obstáculos naturais fazem parte do dia a dia das pessoas, trazendo dificuldades básicas como acesso, falta de energia e carência em setores como saúde e comunicação.

Claramente reconhecido como um espaço de resistência, é um sertão que guarda a sabedoria antiga de um povo de punho forte e tradições que ainda serão herdadas por várias gerações.

SerTão Kalunga é a leitura da movimentação cotidiana inserida nesse universo: Da forma de celebrar, plantar, colher, se alimentar, produzir, compartilhar, conviver e coexistir com os elementos naturais. É o equilíbrio de viver numa brecha de luz tão incrível e potente que desafia as dificuldades cotidianas. É a vida que se sucede com alegria e resiliência, apesar das cicatrizes deixadas pela escravidão e pelas injustiças sociais ainda presentes nos dias de hoje, potencializadas aqui pelas agruras desse território. Sertão que traduz o retrato de um Brasil profundo e esquecido, mas que de certa forma, resguardou cristalizada uma pura forma de vida.







João da Cunha Santos - Faz Barra






Dirani Francisca Maia - Faz Capivara





Santa Dias dos Santos - Faz Barra

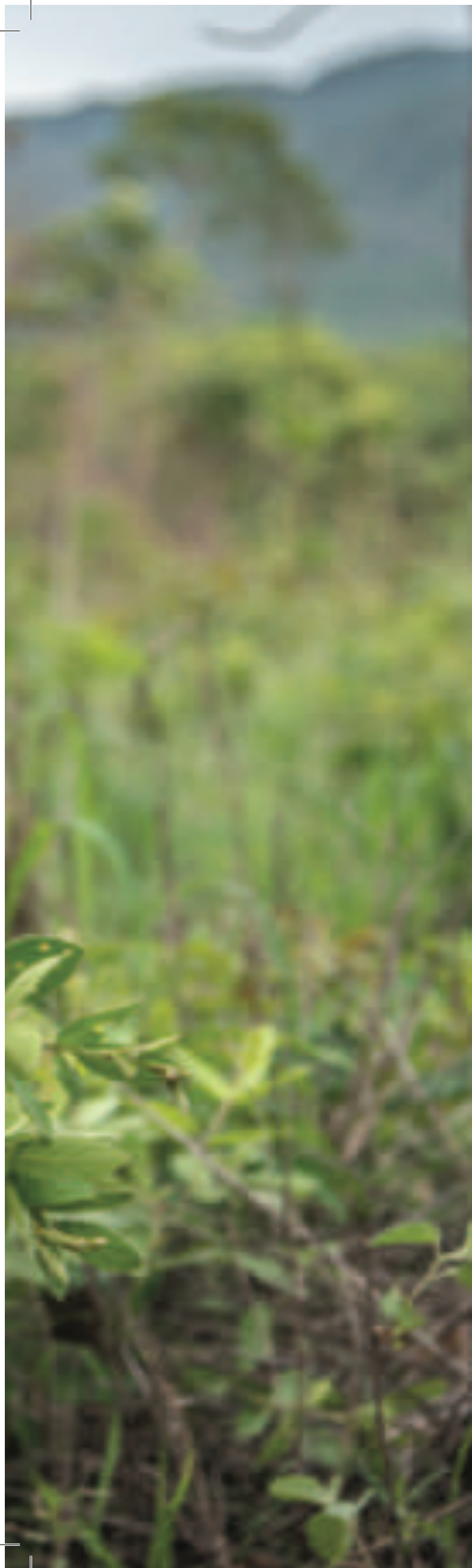


*“
Olê Mulher rendeira
Olê mulher rendá
Se mulher ficar em casa
Nunca vai se libertar”
(Trecho da poesia de Bia Kalunga)*





Luzia Francisco Conceição, Raizeira - Vargem Grande



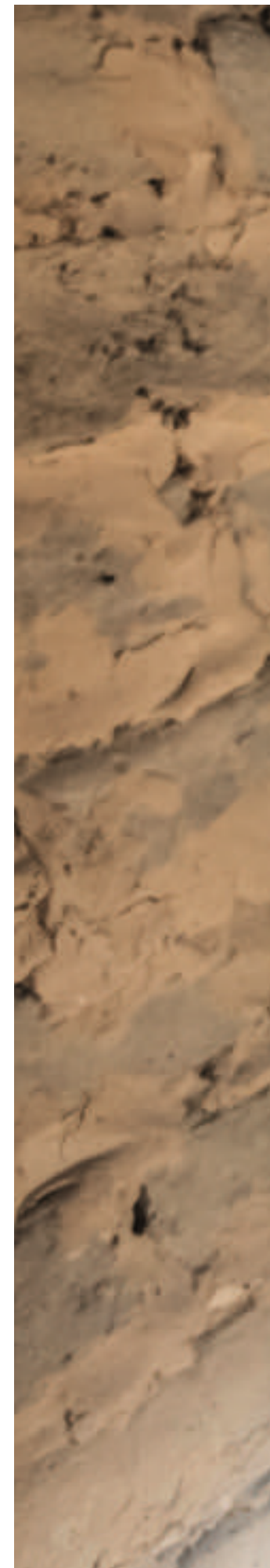




“

*Uma vez morria no socorro, outra vez morria na estrada.
Várias mulheres morreram de parto por falta de ajuda...
Quando o rio sobe, ninguém nunca que não sai daqui*

”



Amância Soares Lima – Faz Capivara



Marciana - Coco



Eva Faria da Conceição, Parteira – Faz Parida



Getúlia da Cunha (Dona Roxa), rezadeira – Nova Aurora



Domingas dos Santos – Diadema



Jônatas F da Silva – Diadema



Ana Julia – Diadema



Débora – Diadema



Aryane – Diadema



Poliana Fernandes da Silva – Diadema







Katiani Pereira Maia – Faz Capivara



Leilane Maia Pereira – Faz Capivara



Romero Fernandes dos Santos - Nova Aurora





Rozalino Fernandes dos Santos – Nova Aurora



Antônia Bispo da Cunha – Parida



Eduardo Fernandes Cunha – Vargem Grande



Adão dos Santos Rosa – Vargem Grande



Faustino dos Santos Rosa - Vargem Grande



Joilson da Cunha Pereira e Maria da Cunha Santos – Vazantão

DE DEUS É PORNÓS quem SE ~~é~~ CONTRA NÓS.

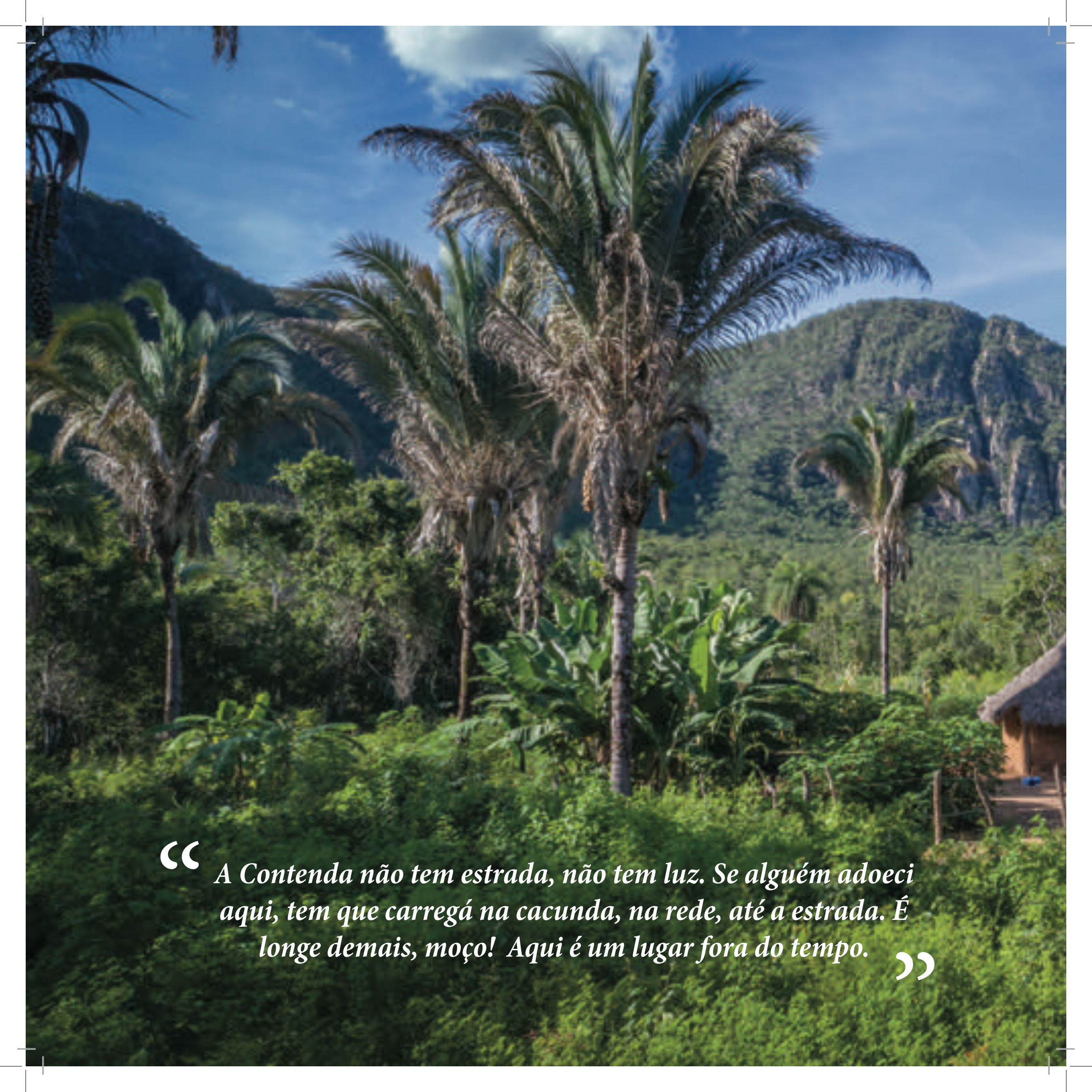


An aerial photograph of a river valley during sunset. The river flows from the upper center towards the lower right, winding through a valley. The surrounding hills and mountains are silhouetted against the warm, orange and yellow light of the setting sun. The foreground shows a dense forest of dark green trees, with some lighter green patches of grass or fields. The sky is a mix of light blue and orange, with a few wispy clouds near the horizon.

Vão da Contenda



Rio Paraná e foz do Rio Branco, Serra da Contenda ao fundo



“ A Contenda não tem estrada, não tem luz. Se alguém adoeci aqui, tem que carregá na cacunda, na rede, até a estrada. É longe demais, moço! Aqui é um lugar fora do tempo. ”





Palmeiras Indaiá nativas e roçado - Serra da Contenda



Casa tradicional Kalunga - Serra da Contenda



Ana Vitoria, Vão da Contenda





Gisele Rodrigues dos Santos - Vão da Contenda



Diná - Vão da Contenda



Simplicio Antônio de Aquino - Barra



Arlene da Silva Castro – Sucuri





Laurindo dos Santos Rosa - Tinguizal






Lina de Castro Torres – Sucuri





Aldair Fernandes dos Santos – Sucuri



“ *Nasci mexendo com roça, fazendo tudo em quanto é dificuldade, carregando mandioca, madeira e milho na cacunda, trabalhando pra modo de comprar alguma coisa de comer que faltava mermo. Tirava até gordura de coco pra dar um gostinho...* ”



Feitio Artesanal de farinha de Mandioca – Sucuri



Graciele da Silva de Castro – Sucuri





Helena Fernandes dos Santos – Sucuri



Acampamento, festa de São João - Sucuri



Lourença Fernandes da Costa – Saco Grande



Lourdes Fernandes de Souza (Bia Kalunga) - Riachão





Transporte usual - estrada de acesso ao Riachão



Povoado Sucuri



Rio Paraná - Sucuri



Procópia dos Santos Rosa, Festejo de São João – Sucuri



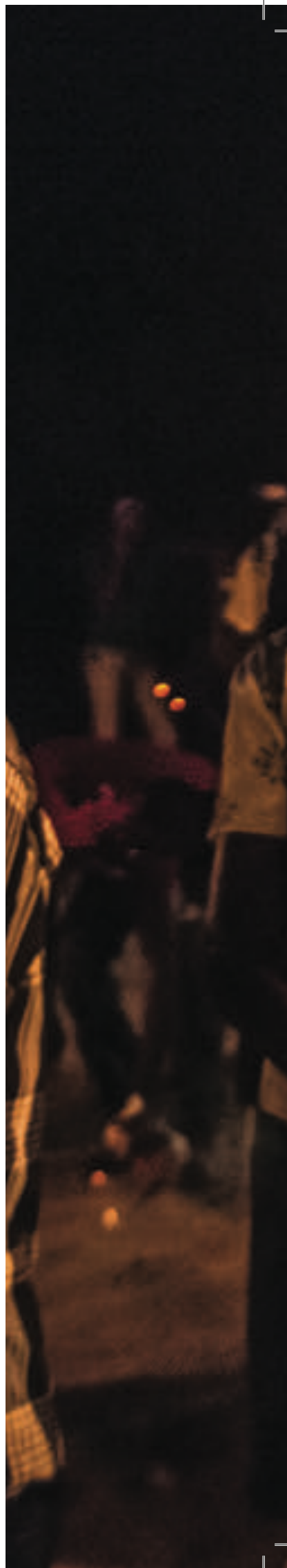
Festejo de São João – Sucuri



Alzira Fernandes dos Santos - Festejo de São João - Sucuri



Reza na capela, festejo de São João - Sucuri



Festejo de São João - Sucuri



Festejo de São João - Sucuri




“
*Aqui nos Kalunga nós é tudo um...
Nós tem essa coisa de
cuidar um do outro.*

”



Festejo de São João - Sucuri

A night photograph of a thatched-roof hut under a starry sky with the Milky Way visible. The hut is made of mud or stone and has a thick, layered thatch roof. The sky is dark with numerous stars and the bright, hazy band of the Milky Way galaxy stretching across it. The overall mood is serene and contemplative.

*“sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”**